

ELDER ROCHA LIMA

CAMINHOS E VEREDAS

E. Rocha Lima

CAMINHOS E VEREDAS



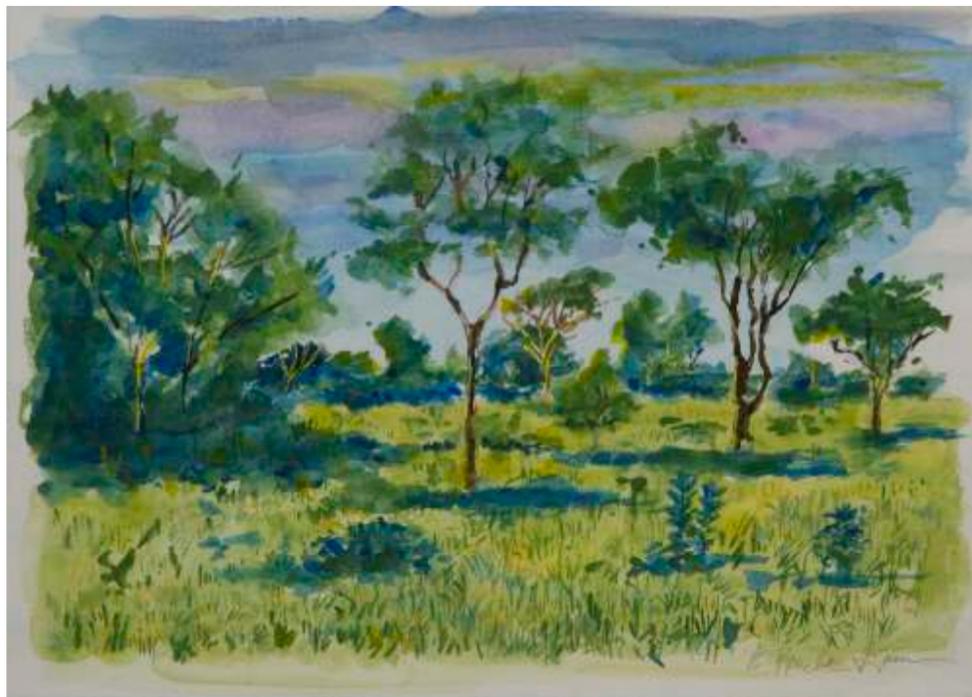
E. Rocha Lima

CAMINHOS E VEREDAS

Curadoria

Antonio da Mata





Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data

Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data

A poesia e a beleza na obra de Elder Rocha Lima

A obra de Elder na literatura expressa poesia, nas artes visuais, torna-se beleza. Um contemplativo, que observa esteticamente, não objetivamente, que se exprime pela sensibilidade e pela percepção instintiva e sentimental das relações direta com o fazer artístico.

Onde outros se preocupam para se fazer traduzir em criar um assunto, ele se contenta com algumas harmonias de linhas e tonalidades tomadas a objetos quaisquer, sem se deter nesses objetos em si mesmos, exigindo que os meios sejam constantemente transformados, recriados, a fim de exprimi-los em sua intensidade. Ganhando então em lógica sem perder em expressão e podendo ser imprevisito sem deixar de ser clássico pela “natureza”, pela originalidade de sua visão, pela beleza de sua matéria, pela riqueza de seu colorido, pelo seu caráter sério e durável e ainda pela sua amplidão decorativa.

Elder é um arquiteto do fazer artístico, busca incansavelmente retratar as características do visível e incessantemente em expressar o que ao mesmo instante é percebido e fugidio, que escapa aos nossos sentidos. A exposição “Caminhos e Veredas” apresenta seu anseio em transpor nas suas obras a percepção do momento em que ela se realiza. Por isso a necessidade de retratar a matéria no instante em que ela toma forma e se configura em sua espontaneidade.

Uma construção que segue rigorosamente as leis formais e cromáticas, e traz uma expressão de solidez e maturidade. O desenho é resultado da cor. Estas e outras questões técnicas, tão bem desenvolvidas na sua linguagem pictórica, não aparecem como simples apresentações das técnicas empregadas, mas propõem uma colaboração à compreensão da leitura do real, demonstradas em seus resultados alcançados.

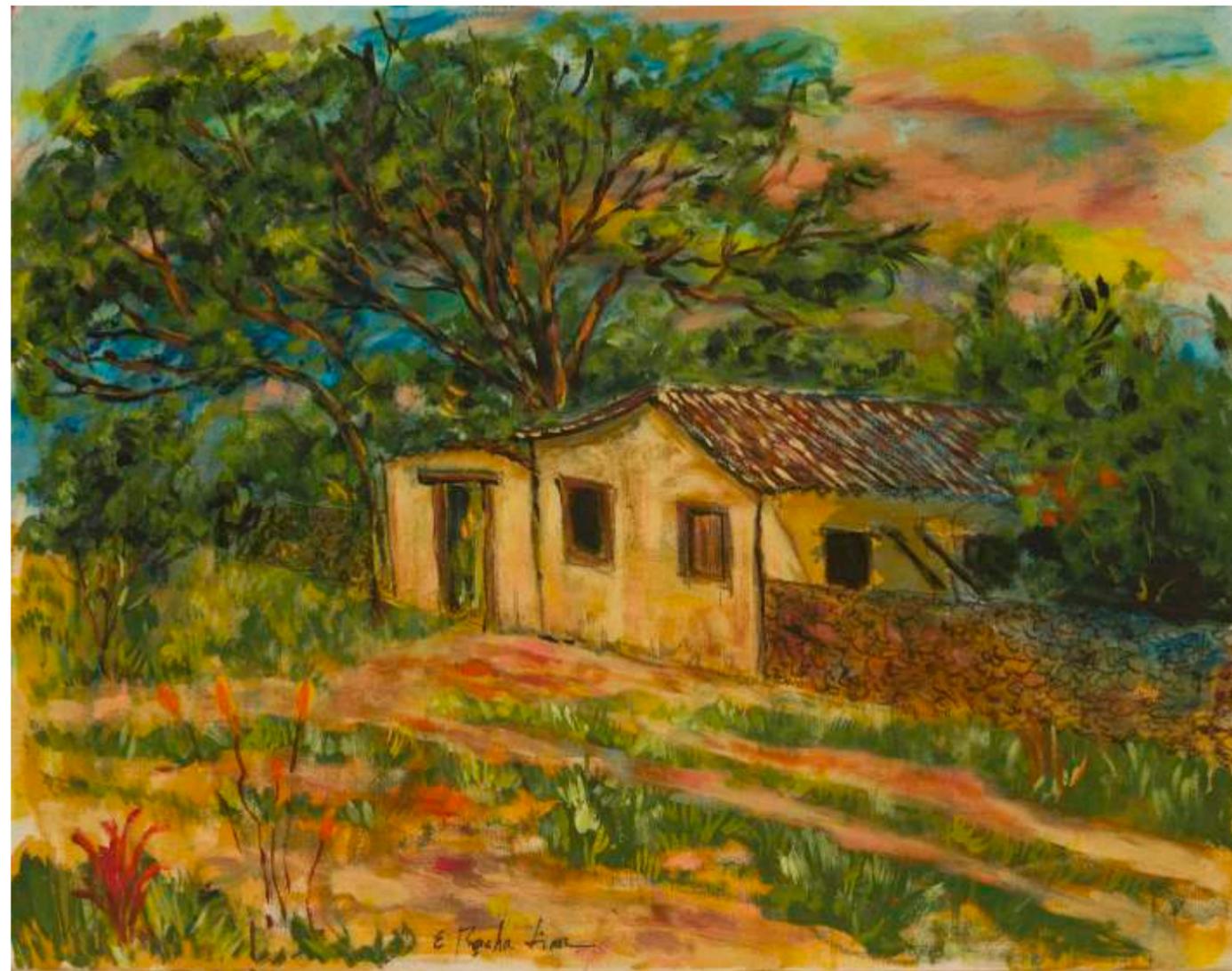
Elder representa sobretudo a paisagem, naturezas-mortas, mas também retratos. Percebe-se a priori, que ele contempla, estuda e analisa suas paisagens, subtraindo-as em seus valores plásticos, sintetizando-as depois a diferentes volumes e planos que traça à base de pinceladas paralelas, onde árvores, casas e demais elementos da paisagem são subordinadas à unidade de composição. Suas paisagens sertanejas exaltam com esmero o bioma do cerrado brasileiro. Já as suas numerosas naturezas-mortas, na grande maioria compostas por frutas e objetos e nos seus retratos, pelas suas estruturas de exploração formal exaustiva, marcam o seu grande momento clássico.

Assim, acredito que ele espera demonstrar pelo seu fazer artístico que é sincero e que trabalha para o melhor da arte, com sua obra franca, honesta e precisa, falando do seu gênio de artista e dizendo de sua bondade e humildade de homem.

Antonio da Mata
Curadoria da mostra
Direção técnica do MAG
Abril/2021



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data

VEREDA INTERIOR
(ELDER ROCHA LIMA)
José Leme Galvão Jr.

Tentei, mas foi impossível falar só da obra, por si só carregada de essências objetiva e subjetiva. Mas e o artista? Nele a subjetividade permeia até os atos mais francos e comezinhos. Se há alma ela é essa essência subjetiva e a razão de ser do artista, ainda que por fim só a obra permaneça. É essa essência subjetiva que garante a vida objetiva, nos vãos e finas camadas onde futuro se revela como passado. O presente não constitui espaço, ocupado em seu ofício de vácuo colante. Nada é mais perfeitamente laminado e entranhado e nesse lugar constituímos a infinitesimal matéria de que consiste a vida. Somos lâminas anfractuosas, sombras perfeitas que habitam o eterno limiar entre o passado e o futuro. Mas a dádiva da memória nos permite viver voltados para o passado e pretender que exista um futuro. Sim, haverá, há o futuro, sempre na forma de um passado poderosamente secreto, aqui e ali nos fazendo crer que sagrado, inexorável.

Diante desse mistério, quase sempre delicioso, arrisco aqui apontar algum perfil da misteriolgia pessoal do Elder. Quem és tu? Perguntamos com a única certeza de que a mesma pergunta será a resposta. Vamos a ele. Nem é por ser uma “esfinge a ser decifrada”, creio que não seríamos devorados, mas essa é uma condição/exposição que concede, mas também consome. Creio que necessária para compreender artistas e sua arte, embora seja impossível compor sínteses inteiras. E é sempre arriscado se aproximar demasiado das fundações imateriais pessoais.

Desenhista, paisagista, impressionista, expressionista ou qual “ista”? Concluo que o Elder é um humanista. Como aprendiz procurei ler seu instrumental das superfícies, tintas, penas e pincéis – mas também, além da tela, além da obra, os modos de descrever e legar visões de mundo. O que (me) importa menos é a sequência histórica e mais a consequência – um enorme mosaico luminoso e transparente.

Um olhar bom, ético, estético, belo – em uma estrutura de renascimentos pessoais no conjunto das obras na obra. E a estrutura que a sustenta tem muitos componentes do fazer artístico, da pessoa portanto. Aponto alguns: Apreço e lealdade à beleza da paisagem, visível na natureza de gaia e dos rostos – composta em planos lisos e rugas, nas ilusões de movimentos fluidos, conjunto fractal e universal. Claro que se trata da paisagem planaltina, sertaneja (e sertanejos) – cerratense. A que fundou sua pessoa, de antes apenas menino-gente, desde a enorme importância dos lambaris para integrar-se socialmente à humanidade, para além dos regaços materno e paterno. Quem quiser saber sobre lambaris como rito de passagem, peça a ele para contar. Há, evidente, outros ritos mais considerados e potentes, das descobertas sexuais, geométricas (é pura épura ou má temática?), das perdas advindas das conquistas e todo o aparato consabido, logo parco de misteriolgia. Aqui só me ocorre o mistério dos lambaris.

Dedicação à estética, aos tons e espessuras das cores, aos espaços que se vê em voos de pássaro (nossos melhores sonhos infantis), de dentro para fora das janelas, ou as próprias janelas, às expressões dos rostos e rimas humanas – nossas combinações limitadas nos fazem semelhantes. É coirmã da ética e o exercício cada vez mais apurado de ambas traz qualidades que se pode sentir na obra e, claro, na pessoa. Presenciar obras assim contém sensações de autenticidade, de potência representativa, do vigor que nos assiste desde as artes rupestres. Aqui só me ocorre o mistério da vontade que crispa a nuca dos artistas.

Afeição aos retornos, por não desistir do existir cultural, no movimento pendular natural entre o viver concentrado/ensimesmado e difuso/aberto. “O que a vida quer da gente é coragem” – rendo-me ao brilho sertanejo de Riobaldo/Rosa – entre as peripécias da vida

sem perder o rumo. Há esse retorno no sentido de reinauguração do cerrado, dos lugares vívidos, a paisagem mais comemorada que lembrada. Aqui só me ocorrem os mistérios movidos a nostalgia.

Apuro lenhoso sabendo a pequi, esse entremeado filtrante de cascas, capins, folhas obscuras, ramos incertos, flores sucintas (há náguas análogas), azuis impositivos, luzes tardias, traços restantes, esboço cru encruado, verões pojados, nímias secas setembrinas, voo fugaz da perdiz, lodo escuro, terra fértil e austera, paredes enraizadas, lugares aos quais foi pedida licença de viver e resistir. A estrutura da obra se assenta exatamente como o cerrado mareal, aqui e ali circunscrito em ruas e estradas antigas ou dissimuladas no consentimento aos humanos naturais. Aqui só me ocorrem as veredas de buritis - nada mais espetacular na escala cerratense.

O artista/escritor/arquiteto é uma combinação do novo homem urbano de Goiás dos anos 50 com o que se fez modernista e voltou ao berço. O olhar moderno intelectual, maiormente arquitetônico, não quis e não precisou retificar as coisas tortas da vida na sabedoria dos lambaris. São chances, possibilidades, que muitos detêm e não conseguem podem ou não conseguem agarrar e sustentar nos descaminhos da vida. Essa é uma habilidade que sustenta e proporciona os mais importantes legados humanos. É admirável. Prá não dizer que não falei de arte em teoria, reitero: Todos os artistas são, a seu tempo, contemporâneos. A linguagem da arte se desvela na materialidade técnica e nas impressões e expressões virtuais, intencionais e incidentais a se atrair e repelir. São celebrações mais ou menos complexas e características da humanidade. É uma celebração intelectual e uma regra genérica que ordena e filtra escolhas e reconhecimentos. Resulta também em alguma ciência no uso de signos e símbolos, naturais e artificiais. Mas não é disso mesmo que

estamos falando? Pode ser mas é muito melhor apreciar e assumir que estamos representados, acho até que retratados, em cada borda, em cada detalhe em cada conjunto de traços e pinceladas que aqui encontram uma síntese. Por enquanto.

Brasília/Goias, abril de 2021.

O PAÍS PAISAGEM.

Brasil, quase um continente.

Que de multidões desiguais de vidas humanas, cruzando tantos lugares da selva amazônica, chuva, deserto, capital barulhenta, morros, claro-escuro e gamas de todos os tipos de humanos a habitar um mesmo habitat. O brasileiro dificilmente pode ser descrito a partir de um único perfil. Eles se localizam na complexidade e nos extremos. Buscamos as coincidências, esse teimoso exercício de identidade.

E o que encontramos? A música, a leveza, o presente contínuo, a melancolia com alegria, o futebol, o carnaval, a dança, a festa e a clareza de hoje, e não por hoje, menos densa. Essa condição “carpe diem” constitui a marca de toda a obra do Élder Rocha Lima. A pincelada do eletrocardiograma, a linha nervosa do desenho, a paleta de cores de uma abordagem nada complacente, vibrante e delicada ao mesmo tempo, fazem da obra deste criador o exemplo perfeito que constitui o pensamento a partir da intuição.

Para Carl Jung, a intuição é "a função psíquica que percebe as possibilidades inerentes ao momento presente". ... Podemos entender com certeza e convicção inquestionável, como diz Jung, e ainda não entender racionalmente, e nem descrever a experiência intuitiva.

Élder Rocha Lima encara a realidade a partir da intuição visual. A imagem aparece de repente, em uma única leitura. Sua arte tem a velocidade do ponto e o virtuosismo da pintura de cavalete que se caracteriza pela meticulosidade e atenção aos detalhes. É por isso que, cada paisagem, seja na pintura ou no desenho, cria uma aura de contradição.

Um lugar bucólico e tranquilo, entrelaçado com a pincelada e o traço fugaz e repentino.

Lembra-nos de Vicent Van Gogh, quando nas campinas vibrantes, aparentemente pacíficas, ferve a lava do artista, que deixa entrever, que não há nada de pacífico em seu olhar, que todo horizonte contém um abismo interno, e que toda representação da natureza mostra sempre a projeção do humano. Elder Rocha Lima exige que nos vejamos em cada obra; encontremos aquela passagem emocional ali situada, no horizonte mais secreto.

Morella Jurado
Caracas, Venezuela

EL PAÍS PAISAJE.

Brasil casi un continente.

Qué de multitudes desiguales de vidas humanas, cruzan tanto paraje de selva amazónica, lluvia, desierto, capital ruidosa, morros, claroscuros y gamas de todas las tipologías humanas en un solo habitar.

Casi no se puede describir al brasilero desde un único perfil. Se ubican en la complejidad y los extremos. Buscamos coincidencias, ese ejercicio empecinado de identidad.

Y que encontramos? La música, la ligereza, el presente continuo, la melancolía con alegría, el fútbol, el carnaval, el baile, la fiesta y la claridad del hoy, y no por hoy, menos denso.

Esa condición carpe diem, constituye el sello de toda la obra de Elder Rocha Lima. La pincelada de electro cardiograma, nerviosa la línea del dibujo, paleta de colores desde un abordaje nada complaciente, vibrante y delicado al mismo tiempo, hacen de la obra de este creador, el ejemplo perfecto que constituye el pensar desde la intuición.

Para Carl Jung, la intuición es “la función psíquica que percibe las posibilidades inherentes al momento presente”. ... Podemos comprender con certeza y convicción incuestionable, como dice Jung, y sin embargo, no entender racionalmente, y tampoco describir la experiencia intuitiva.

Elder Rocha Lima, se enfrenta a la realidad desde la intuición visual. La imagen aparece de súbito, en una sola lectura. Su arte tiene la rapidez del apunte y el virtuosismo de la pintura de caballete que se caracteriza por su meticulosidad y el cuidado de los detalles. Por ello cada paisaje, ya sea en pintura o dibujo, crea un aura de contradicción.

Un lugar bucólico y calmado, que se entrelaza con la pincelada y el trazo fugaz y repentino.

Nos recuerda a Vicent Van Gogh, cuando en esas campiñas vibrantes, aparentemente apacibles, hierve la lava del artista, que deja entrever que nada apacible hay en su mirada, que todo horizonte contiene un abismo interno, y que toda representación de la naturaleza, muestra siempre la proyección de lo humano. Rocha de Lima, nos reclama en cada obra vernos, hallar ese pasaje emocional ubicado allá, en el horizonte más secreto.

Morella Jurado
Caracas, Venezuela

O caminho de Elder

O vento forte bate a porta de madeira pesada, um vinhático, batem também outras portas da antiga cidade de Goiás, onde nasceu. O barulho estrondoso, vez ou outra, destrava a atenção de Elder, enquanto pinta. Todos os dias, ele percorre um pequeno caminho por entre árvores e arbustos, sua pequena mata, como diz, de nossa casa ao ateliê.

Todos os dias, aos 93 anos, vai para o seu santuário, vai admirando cada detalhe que encontra na natureza ao passar pela vegetação, e para, olha uma borboleta, uma folha, um cipó, um pedaço de madeira caída no chão, o caminho das formigas... Segue, com os passos lentos, propositadamente, ao observar cada pedacinho de seu caminho, onde todos os dias tem uma exclamação de maravilhamento. Segue para encontrar o amor de sua vida – a pintura. Por algumas horas fica como que em transe, em meditação. Medita enquanto pinta ou pinta enquanto medita? A sua pintura, na verdade, é uma meditação, é uma oração de amor ao cerrado onde nasceu. Ele é um vilaboense e diz com todo orgulho que, modéstia à parte, nasceu na cidade de Goiás. Não quer que fale de si neste catálogo, não quer que escreva sua biografia, não quer que coloque seus inúmeros títulos, troféus, homenagens, medalhas, nenhuma exposição, nem tudo o que fez e faz.... Mas é necessário – eu argumento – é um catálogo, é de praxe colocar ao menos suas exposições. Não quer fotos dele próprio também, modéstia como se fosse um monge obediente à sua ordem. Um monge diferente, ele vai para seu ateliê como se fosse para sua catedral. Fiz uma proposição para mim mesma que faria uma longa biografia, mas por que vou contrariá-lo?

Lá, de repente ele para, levanta de sua cadeira em frente ao cavalete, e pega seu quadro e o coloca no chão ou em uma cadeira, conforme o

tamanho. E no sofá, na parede oposta, senta-se para ver, olhar, criticar, observar.... Deixa-se ficar, suspende tudo... com a finalidade de rever a sua obra para saber se ela está de acordo com seu coração. Muitas vezes a deixa ali por dias. Diz que está quarando. “Quarando Graça, quarando” repete. Às vezes faz tudo “alla prima”, começa e termina rapidamente. São formas diferentes de oração, Spinoziana, com o intuito de estar com o seu cerrado, ser o próprio cerrado.

Uma vida longa e profícua, lúcida, forte. Uma vida dedicada à família, amorosamente devoto à família que formou com sua Beatriz, colega de classe da Escola Nacional de Arquitetura no Rio de Janeiro, onde a encontrou. Muito me impressiona ele me contar de seus 5 filhos, 7 netos, parece que fala de uma majestade. O orgulho e a satisfação saltam aos olhos e aos ouvidos, principalmente quando fala dos netos. Agora ganhou meus 2 filhos, 3 netos e 2 bisnetas. Nossa família, tal qual a natureza, nosso cerrado, é nosso grande amor. Estamos em Vila Boa de Goiás, e achamos que não poderia haver lugar melhor no mundo para vivermos, mesmo nesta pandemia e nesta insânia deste desgoverno em que estamos. Agora sempre me avisa que veio fechar o círculo, onde teve seu começo. Por muitas vezes diz que é um homem muito feliz. Que não merece tudo de bom que recebeu e recebe todos os dias. Sentados, à noitinha, com a lua despontando no Morro do Canta Galo, namorando, suspiramos agradecidos pela beleza da natureza.

Graça Fleury

O ARTISTA QUE VEIO DO OVO

Como são belas as obras de Elder Rocha Lima. E, por trás delas, quanta depuração técnica e dedicação ao trabalho. Quanta vivência. E estas exclamações, as faço sem o habitual ponto final que as indica graficamente.

É que, considerada a beleza inversamente proporcional à realidade que ela representa hoje em nosso país, na arte de Elder vemos que tem muitas coisas erradas. Não na pintura, por certo, mas na natureza e na aparente calma que ela retrata.

O desequilíbrio causado à harmonia planetária pela ação humana pode ser constatado na arte de diversas formas e em diferentes estilos. À sua maneira, cuidando do Cerrado, Elder não faz uma arte panfletária, querendo nos mostrar didática e explicitamente os males que causamos à nossa própria casa. Ele deixa a cada observador sua conclusão. O artista Elder é sutil como um felino. Não tem pressa, pois sabe que está no caminho certo. “Acho ótimo deixar o trabalho descansando. Vou vendo os efeitos e retocando”.

Como loucos alienados, apressados e insensíveis, olhamos estas suas obras e fingimos que nada percebemos. Nem quando confrontados com os números de um anunciado caos climático esboçamos reações. Já seríamos uma civilização de zumbis? Espero que não. E uma das esperanças que nos resta é ver as obras do Elder. Contando com a arte para nos sensibilizar, talvez ainda tenhamos uma chance.

Talvez essa chance aumente quando passarmos a gostar mais de arte do que de carne. Pois, hoje, os seres humanos e o gado que criamos para nos alimentar formam 96% da massa de todos os mamíferos do planeta. Além disso, 70% de todas as aves que vivem hoje são domésticas, principalmente os frangos que vão para as panelas. Carne não vai faltar. Falta arte. Faltam mais Elderes.

Esta exposição é de uma beleza sem exclamação. Pois é feita para nos acordar. É uma mensagem visual em uma pequena garrafa vagando pelo vasto mar de nossa consciência. É um alento, mostrando que ainda temos tempo para resetar tudo e recomeçar. Quantos irão vê-la? Espero que o mundo inteiro.

A partir de uma cor, uma forma, uma luz, com um simples quadro na parede ilustra-se uma nova postura e, então, podemos fazer dos ecossistemas em que vivemos, somados uns aos outros, uma biosfera planetária protegida e saudável para todos, a começar do Cerrado que nos envolve e é pintado por Elder desde a longínqua década de 1970. É o básico de que precisamos. Nunca a arte foi tão urgente. E quem nos mostra isso é um mestre do alto de seus 93 anos: contra as taxas de extinção, essa exposição, estas obras, a arte e este artista.

Mal comparando, em Elder, cada obra tem a nobre missão de se tornar dose de uma vacina que fará de seus observadores anticorpos contra a exploração da natureza, a devastação do Cerrado e o mal que causamos ao Planeta. Já me vacinei.

Ah, sim, e o título?

Um dos mais marcantes momentos da vida artística de Elder se deu quando ele era apenas uma criança, brincando em sua cidade natal, no Largo do Moreira, onde no nº 2 morava Octo Marques.

Elder resolveu por conta própria e silenciosamente entrar naquela casa que vivia de portas abertas. Sobre uma pequena mesa no centro da sala algo chamou sua atenção. Bem mais que isso, na verdade. Ele ficou estupefato ao ver ali um ovo de ema detalhadamente pintado pelo dono da casa, um escritor, pintor e desenhista –e vereador nas horas vagas– que tinha na paisagem social e colonial vilaboense o seu tema principal. Decerto, para essa epifania vieram a se somar as lições que seu pai lhe dava ao passear na natureza, detendo-se em cada nova espécie encontrada. O certo é que a partir daquele momento Elder sabia perfeitamente o que queria fazer na vida.

E é o que continua a fazer até hoje, já beirando seu centenário em contínua atividade, o artista de milhares de obras em diversas técnicas e suportes, de um sem número de exposições e de uma dezena de livros lançados, arquiteto e ex-professor de arquitetura, homenageado e reconhecido; que celebra em suas telas a junção da arquitetura e do meio ambiente para criar cenários afetivos e sentimentais só seus –e dividir com o mundo.

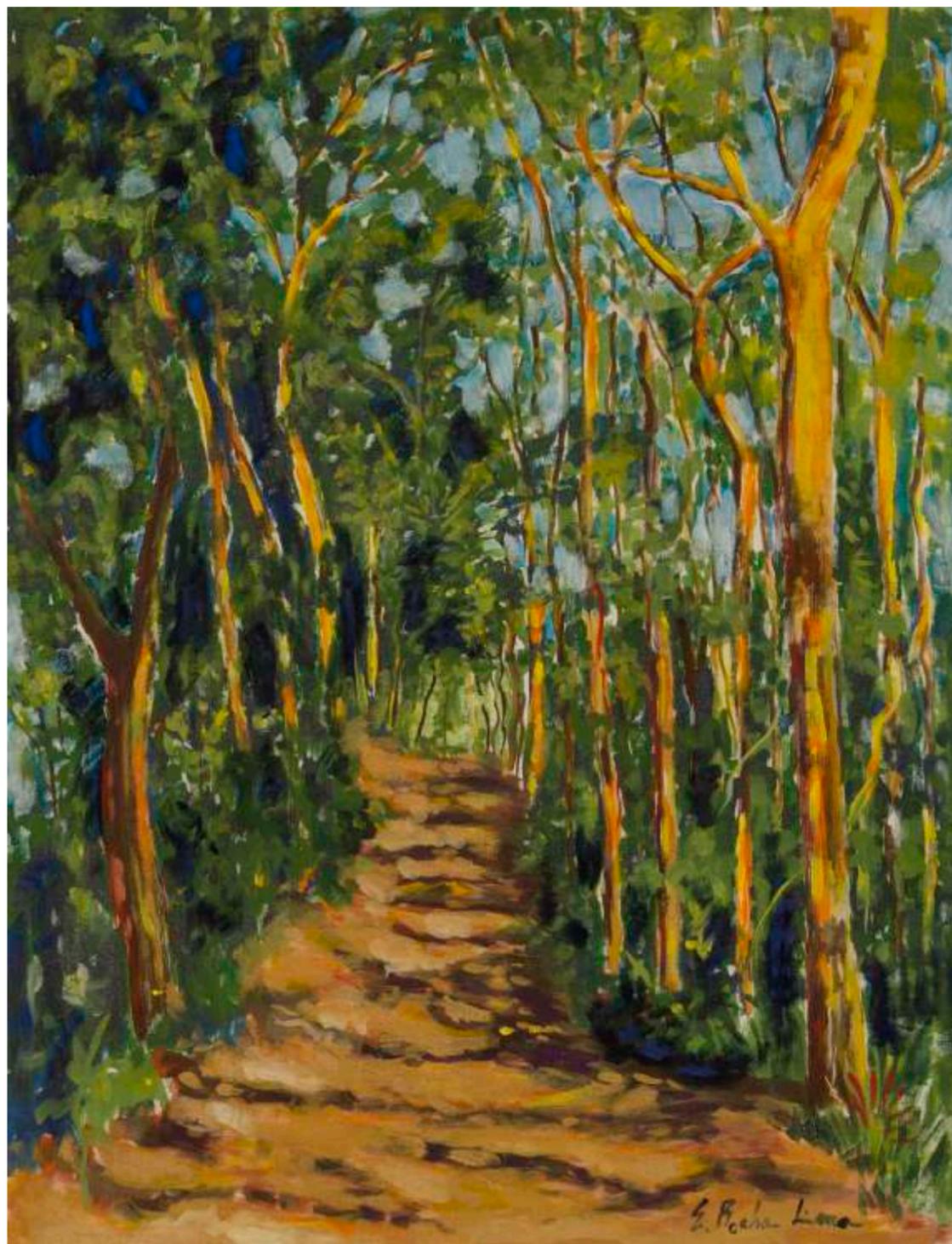
Não por acaso, tudo somado, Elder é um artista doutor Honoris Causa, título atribuído pela Pontifícia Universidade Católica às personalidades que se distinguem pelo saber e pela atuação em prol das artes, das ciências, da filosofia, das letras e do melhor entendimento entre os povos. Precisa falar mais?

Para leitura opcional.

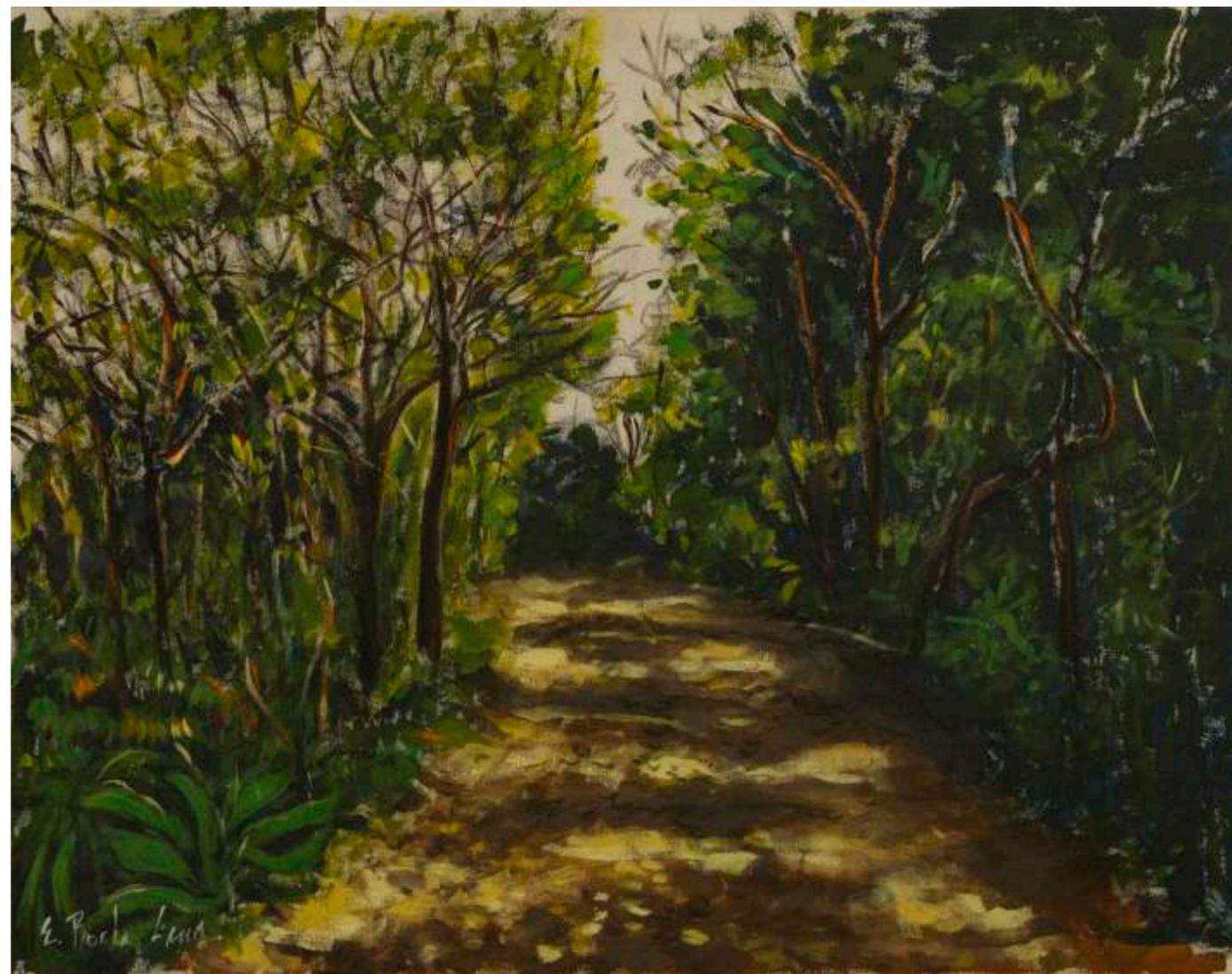
Depois de sair de sua cidade natal ainda no transcurso de sua infância, Elder voltou há alguns anos atrás, na mocidade dos oitenta anos, para nela se aquietar serenamente, muito bem acompanhado e instalado em seu imponente ateliê residência, a partir do qual forma um triângulo de vida, arte e histórias com Brasília e Goiânia –e de onde divisa ultrapassar a linha centenária. É o ovo fechando seu círculo.

Px Silveira





Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



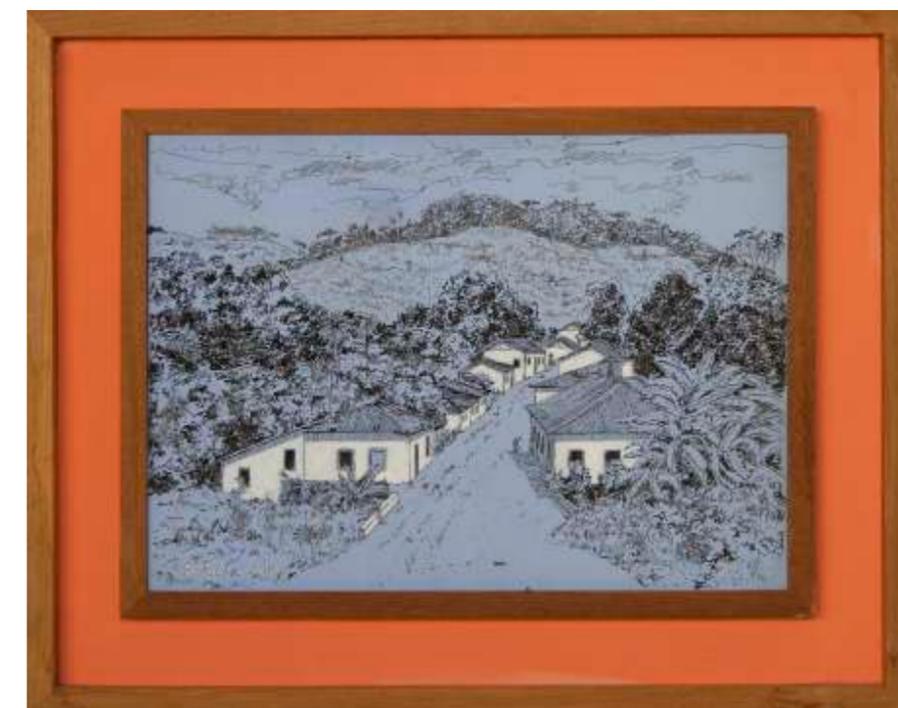
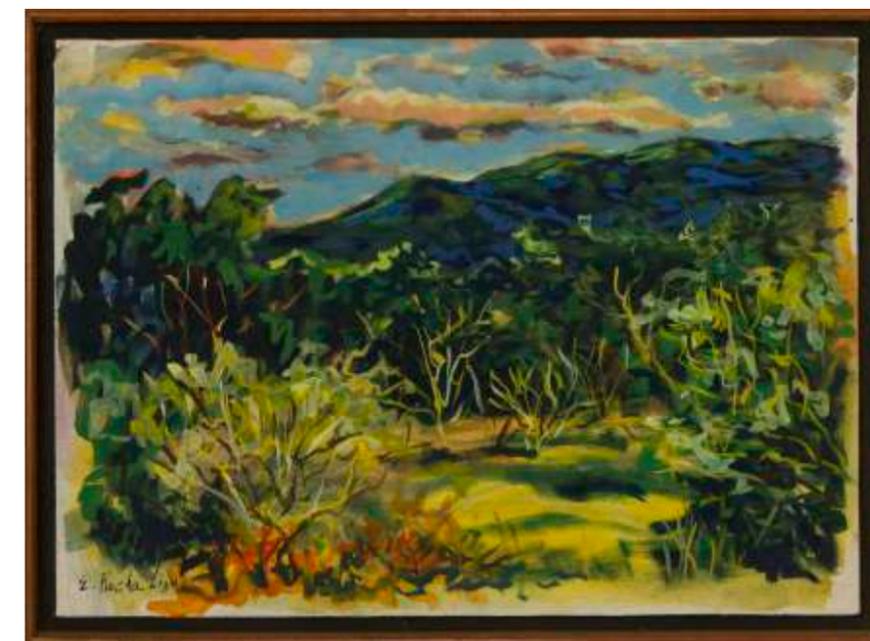
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



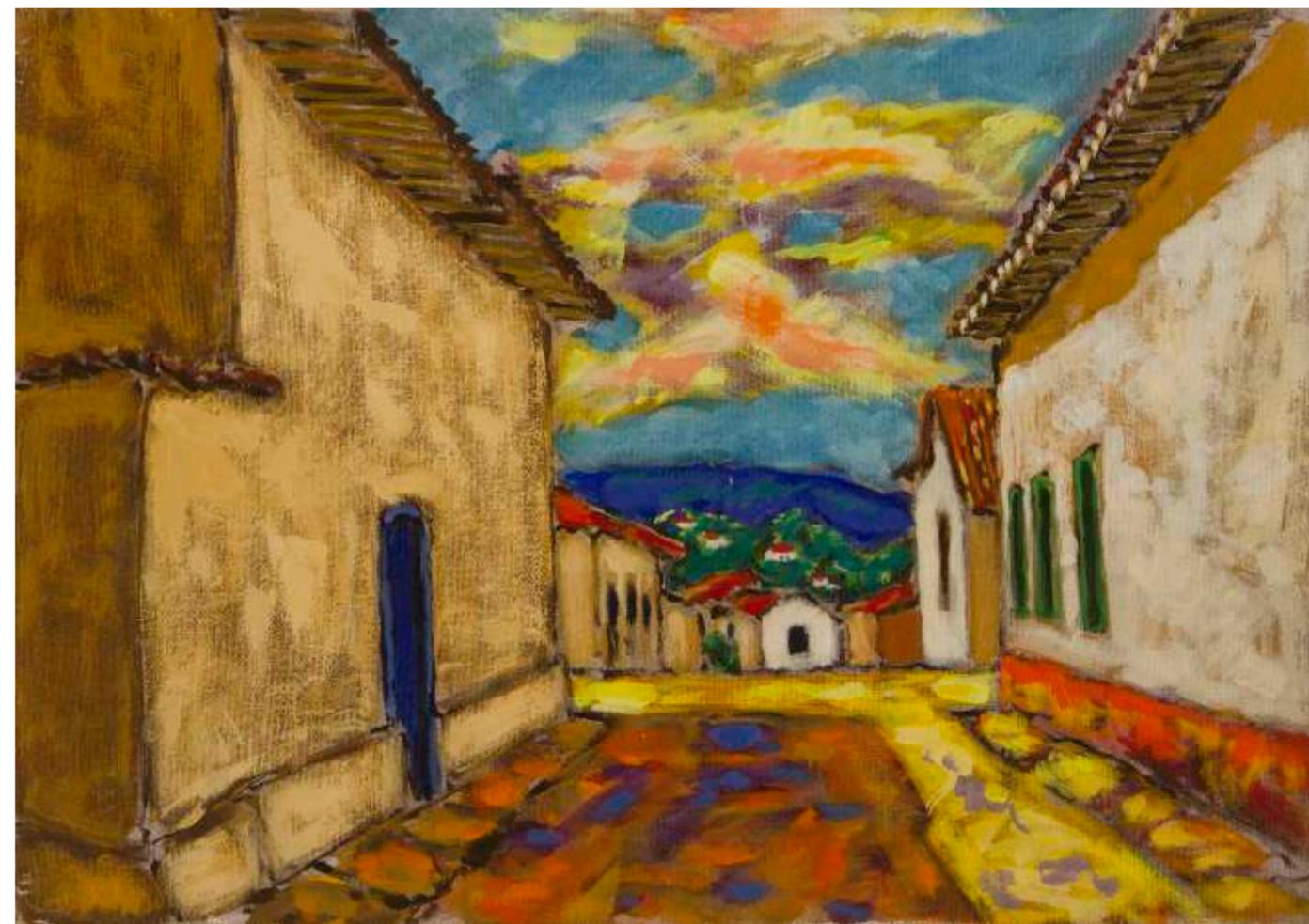
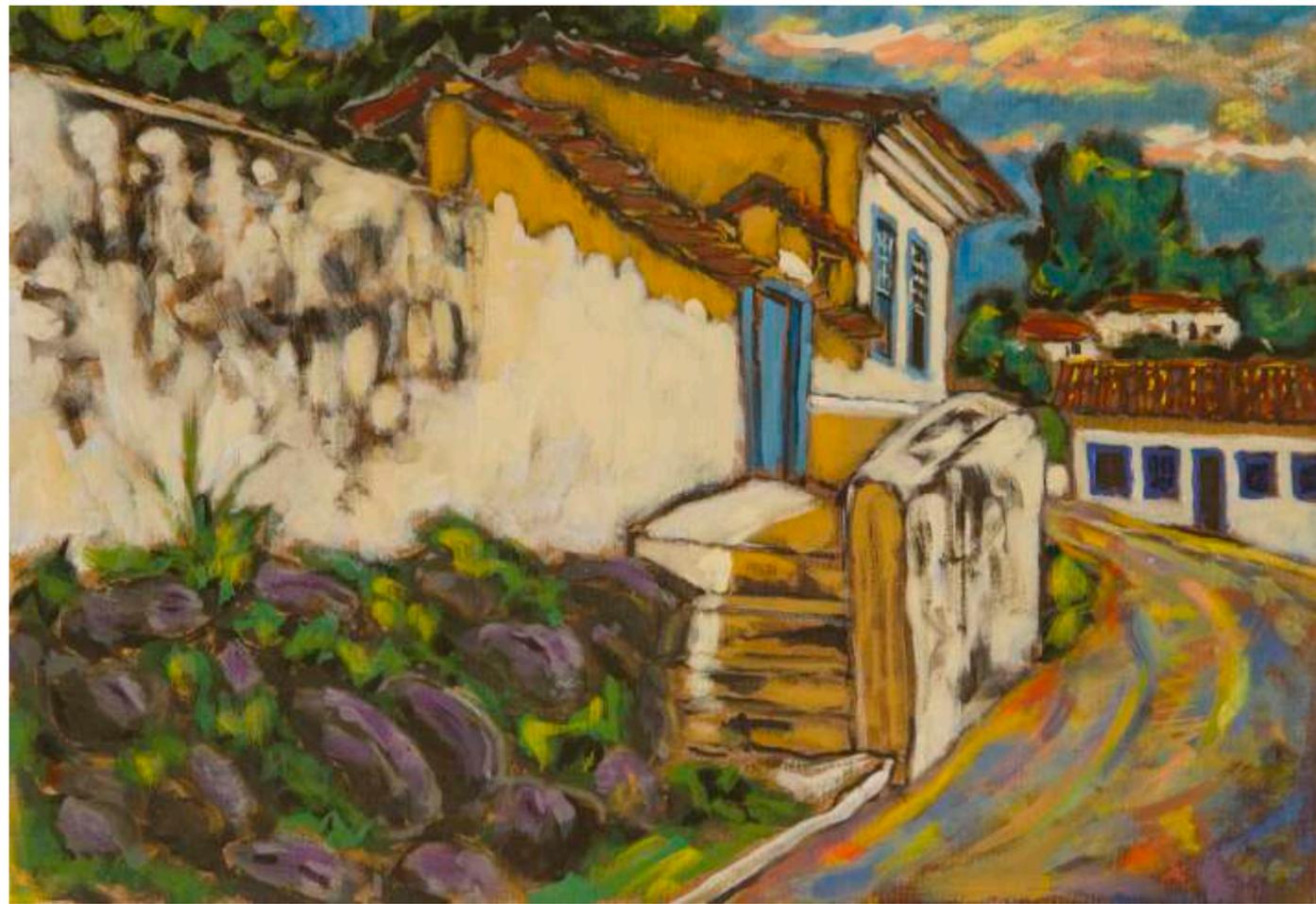
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data

Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data





Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data

Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data

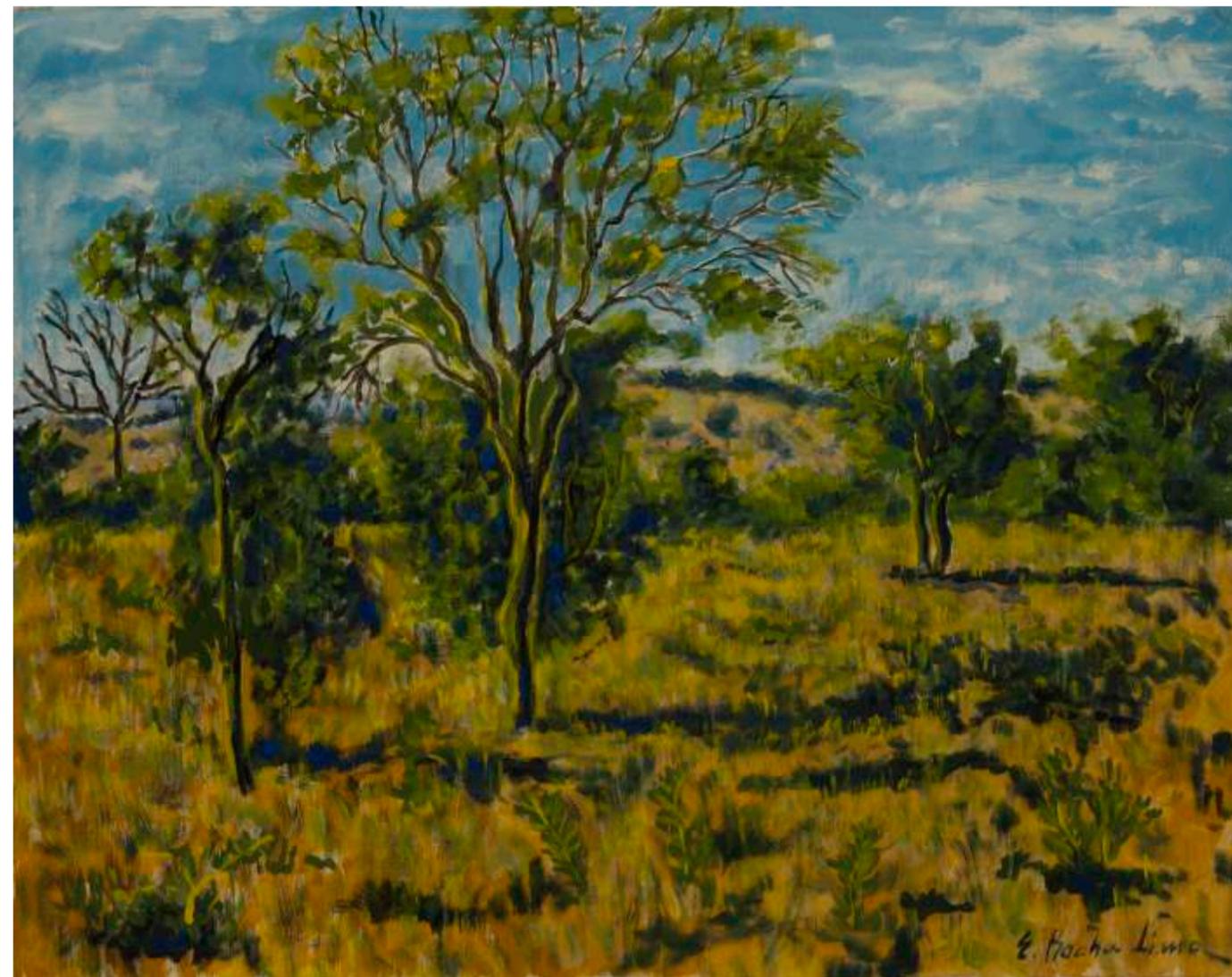


Visita de Goiás
p.15
Têmpera vinílica
200 x 150 cm
2021

Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data

Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



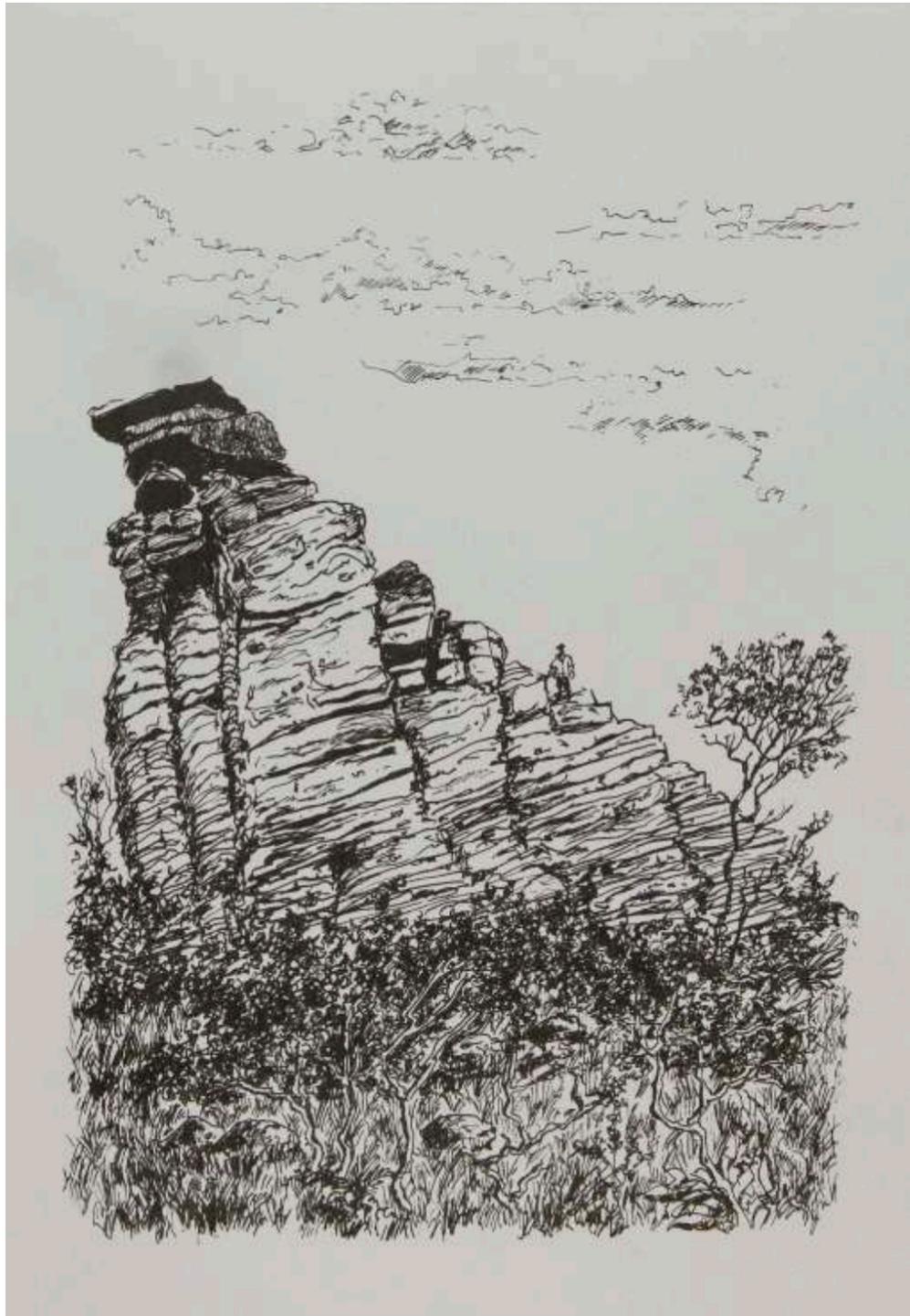
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



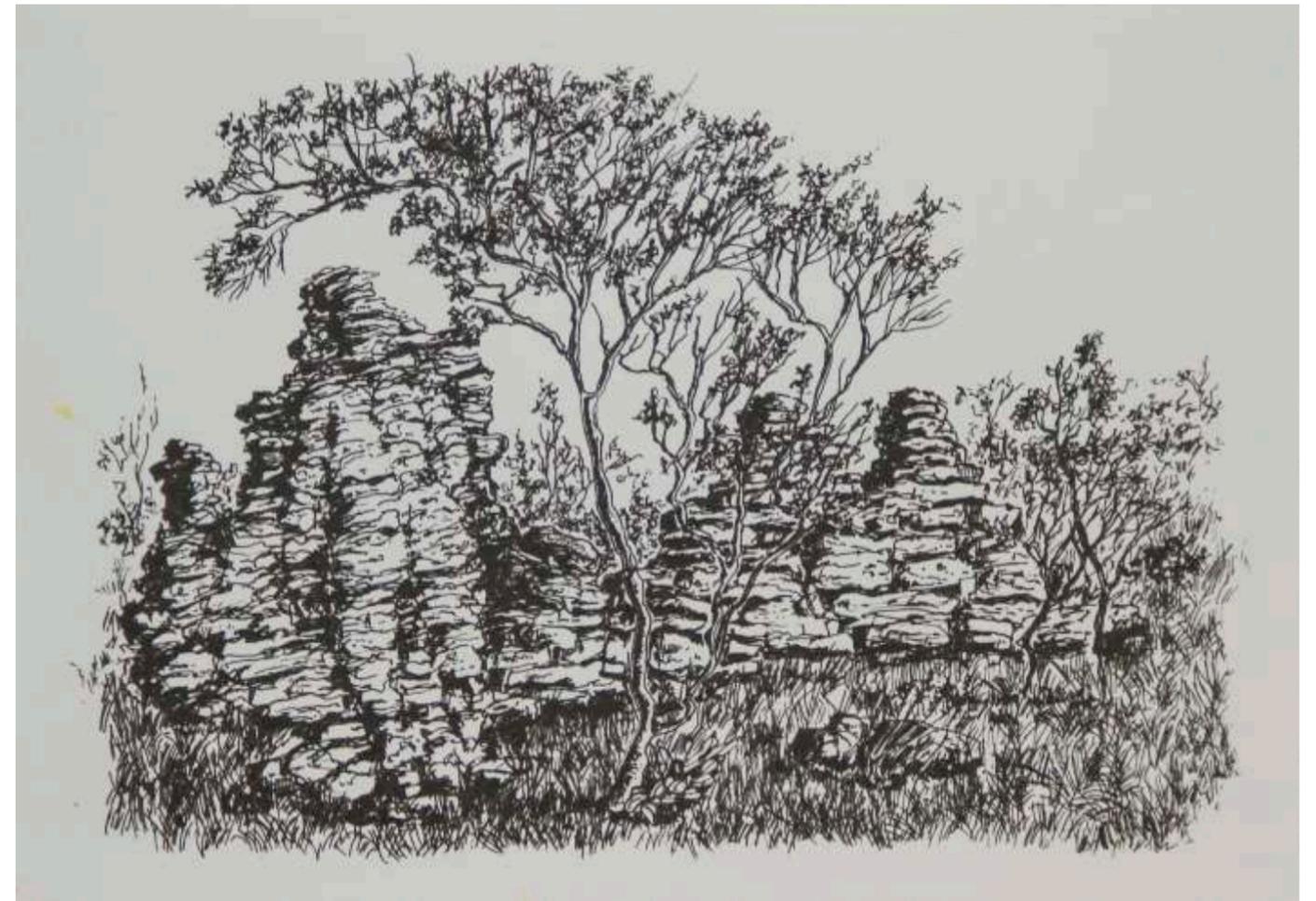
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



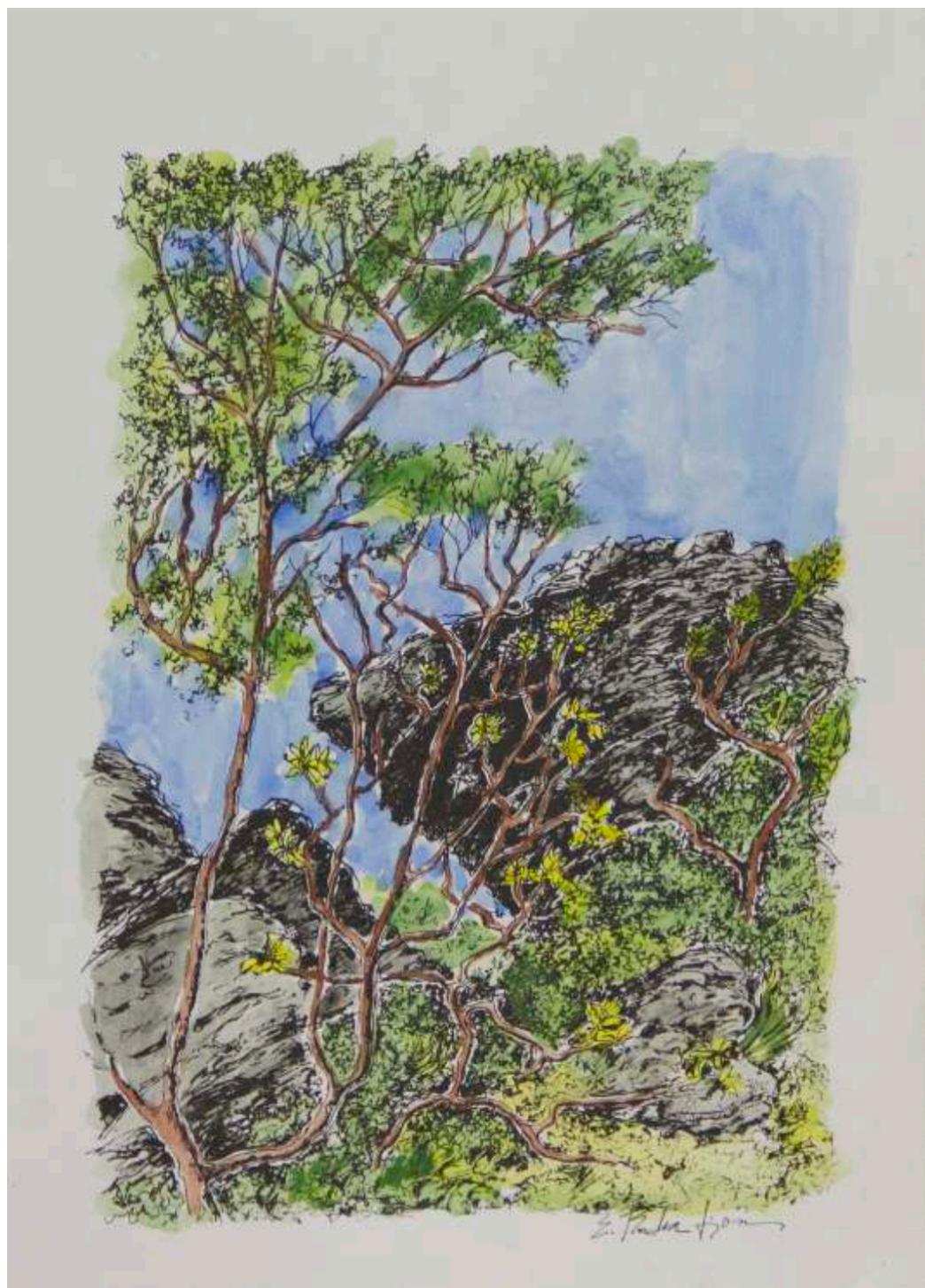
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



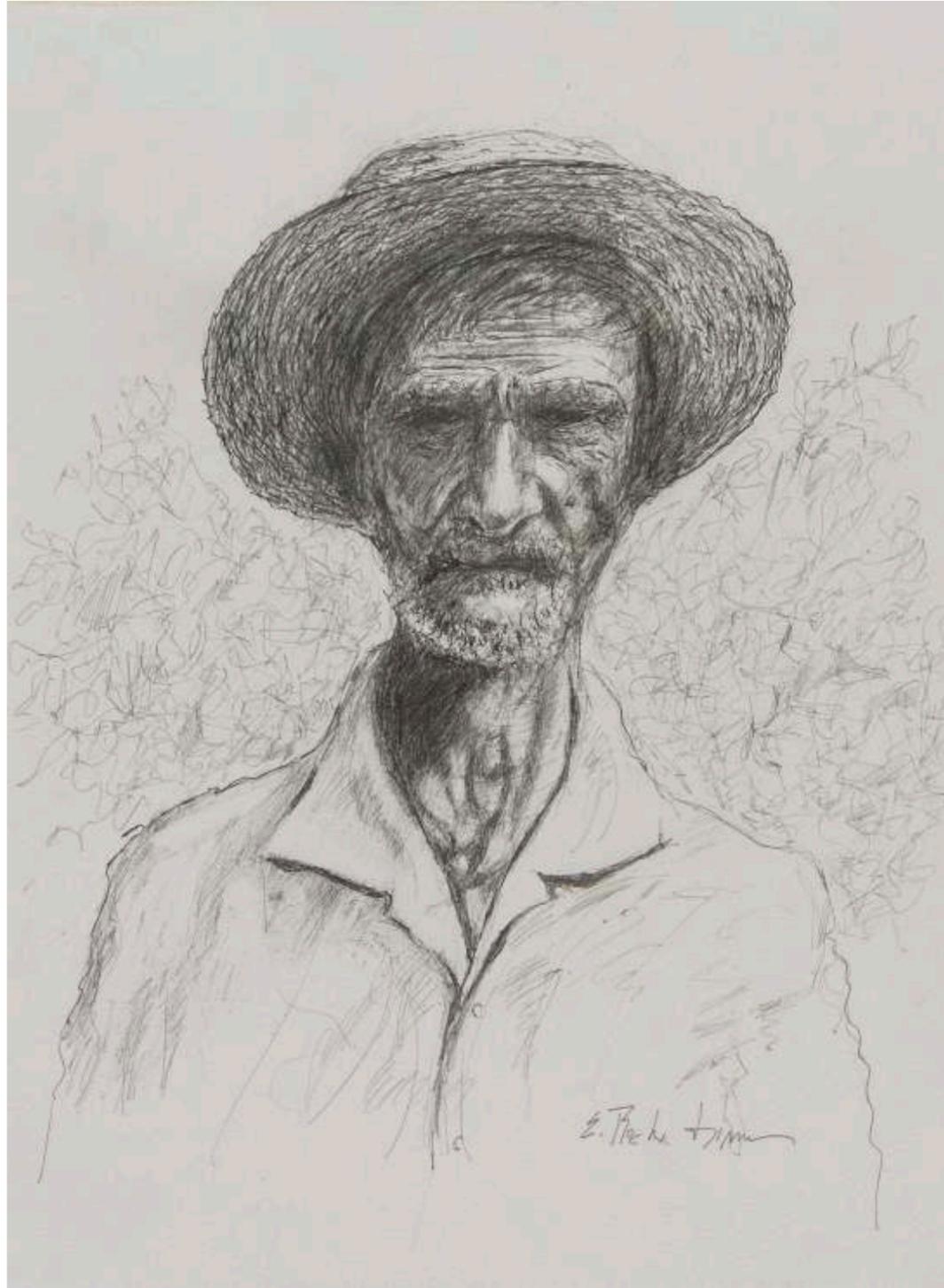
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



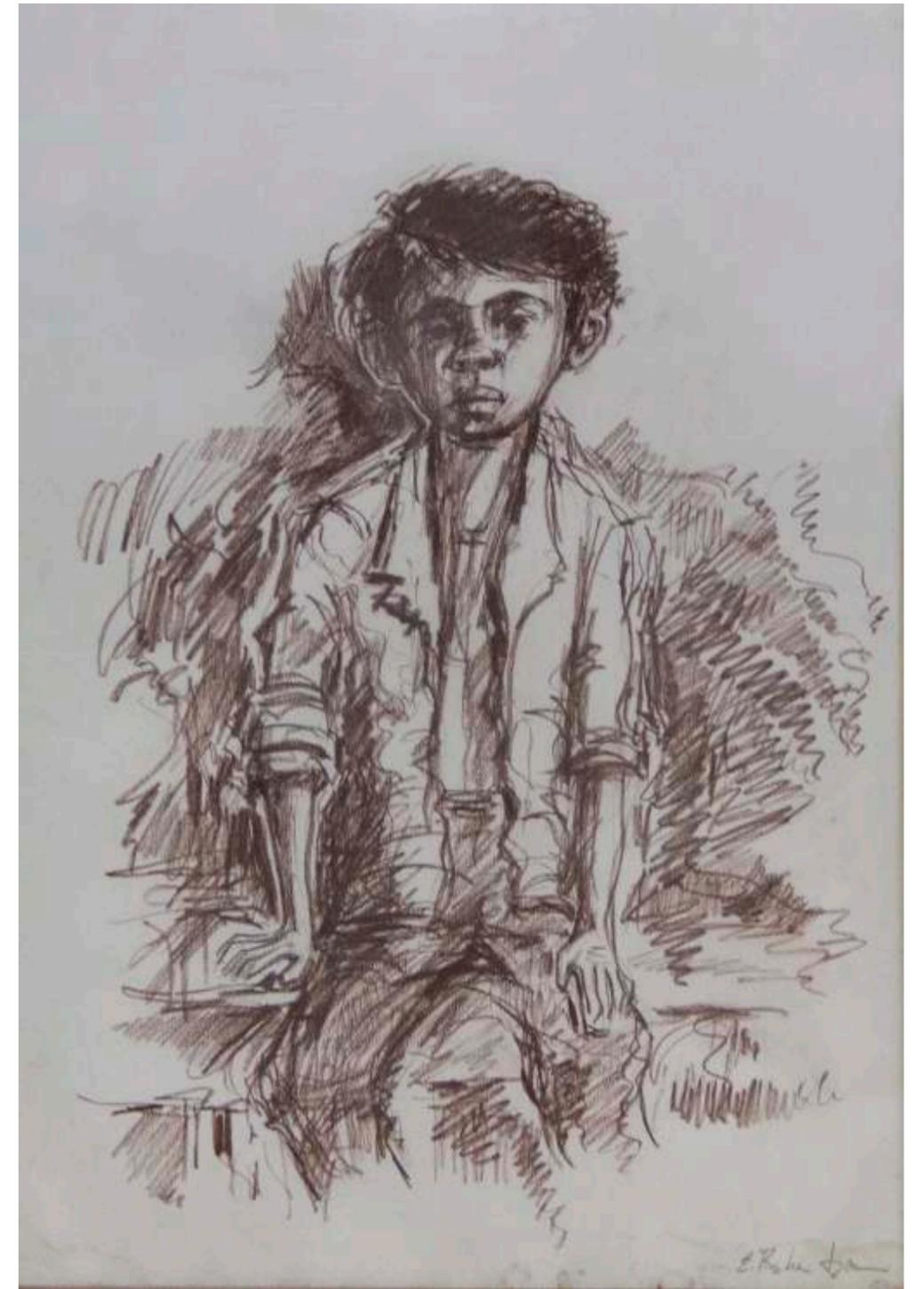
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



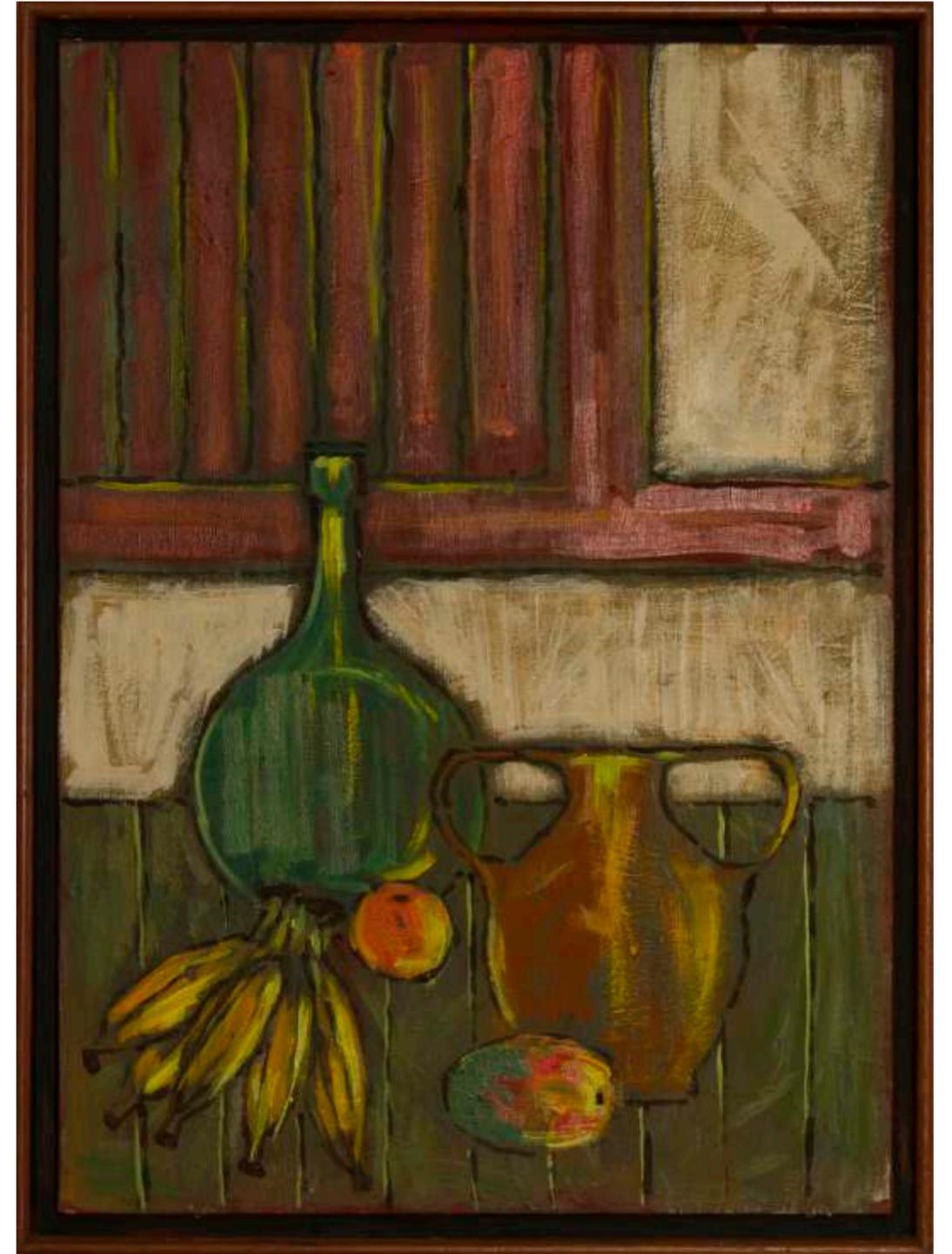
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



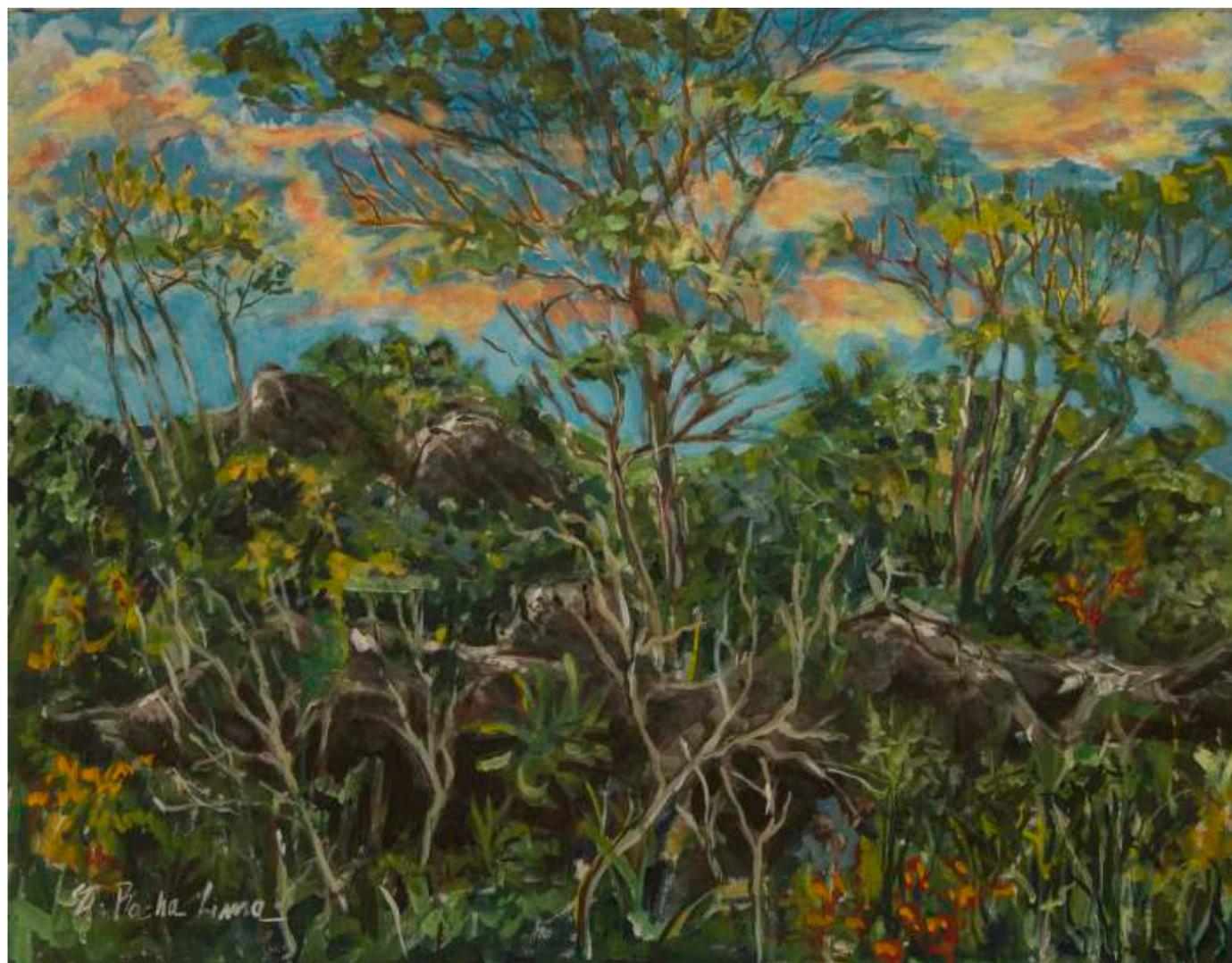
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



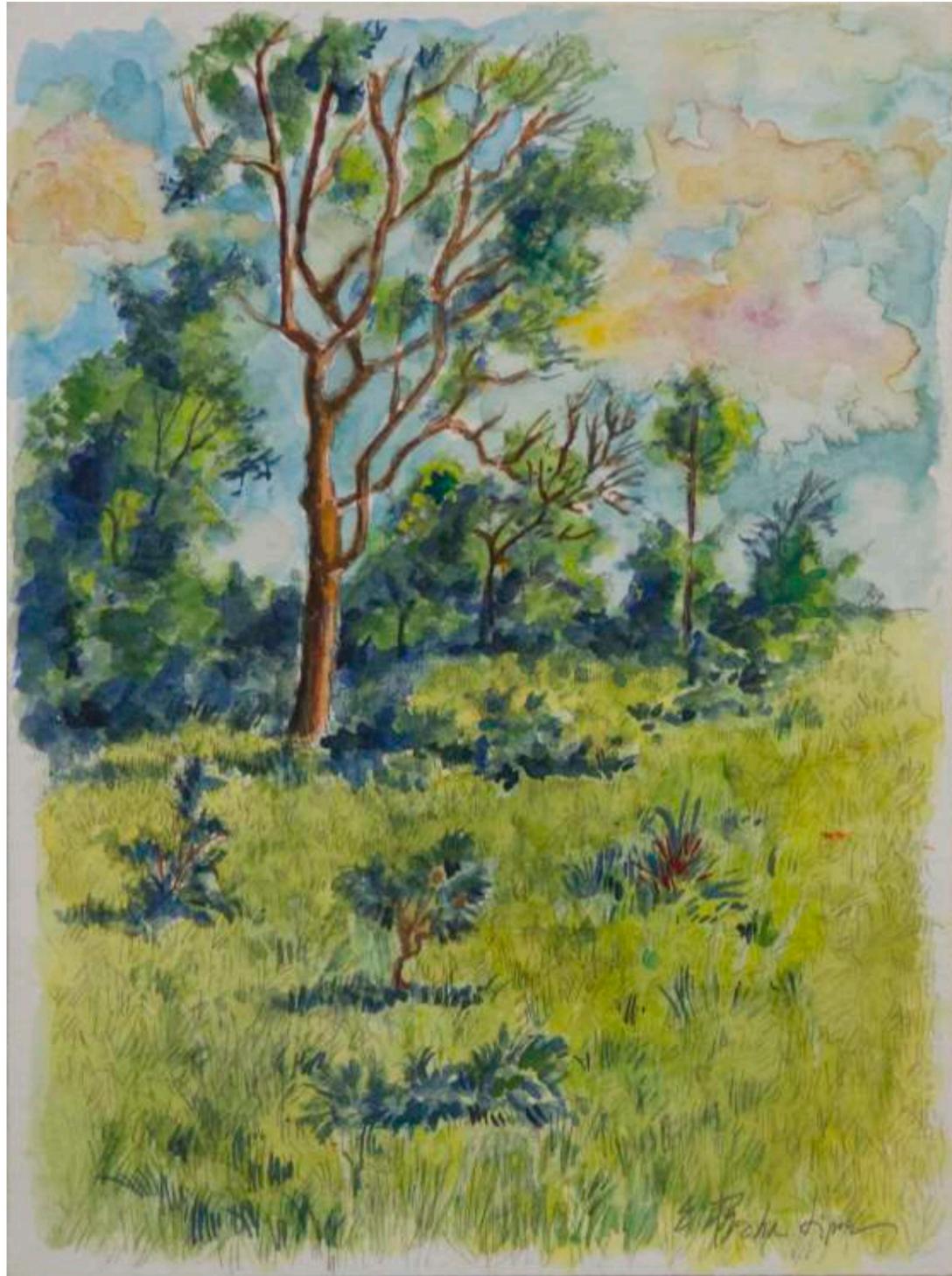
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



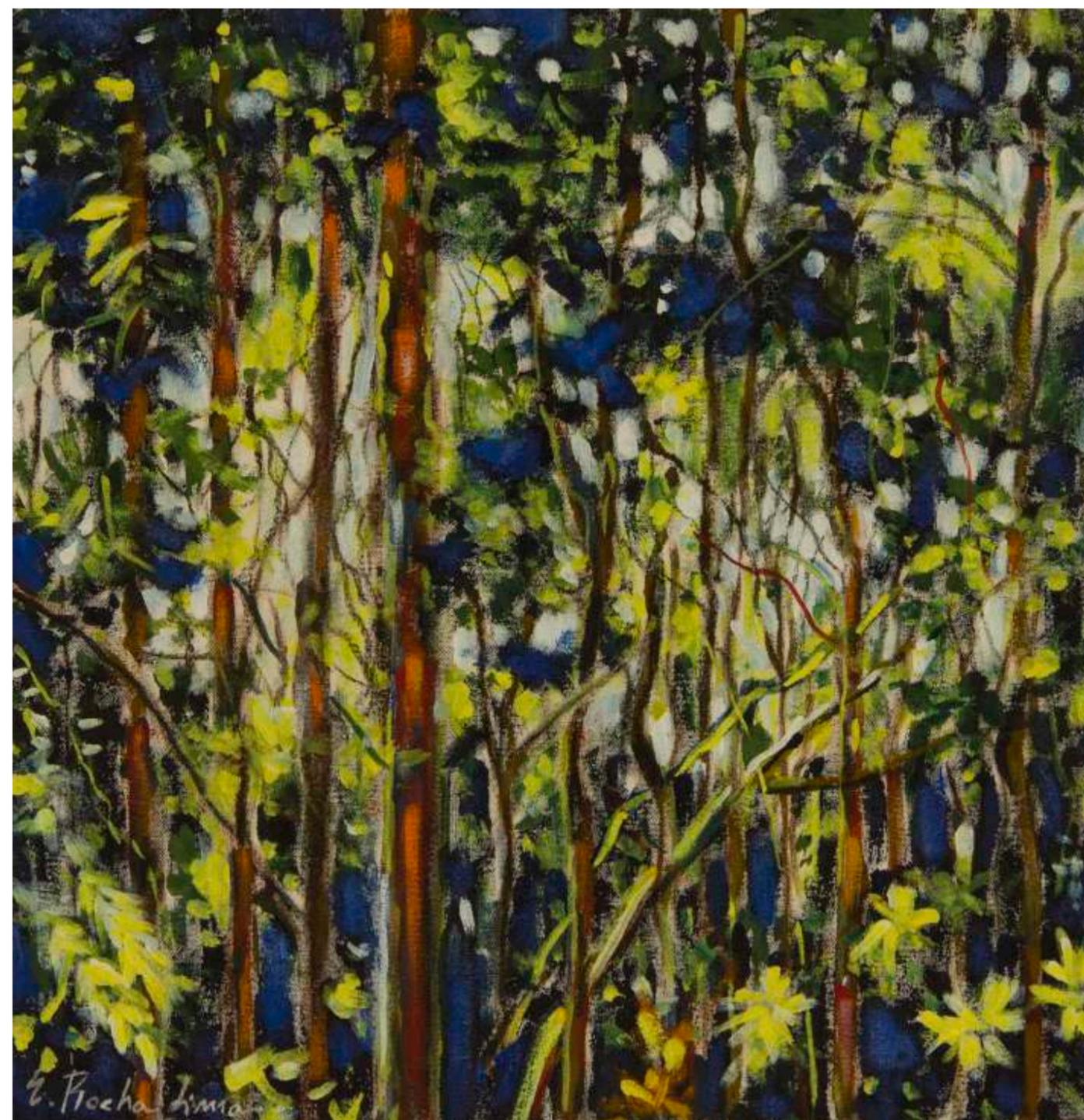
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data

Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



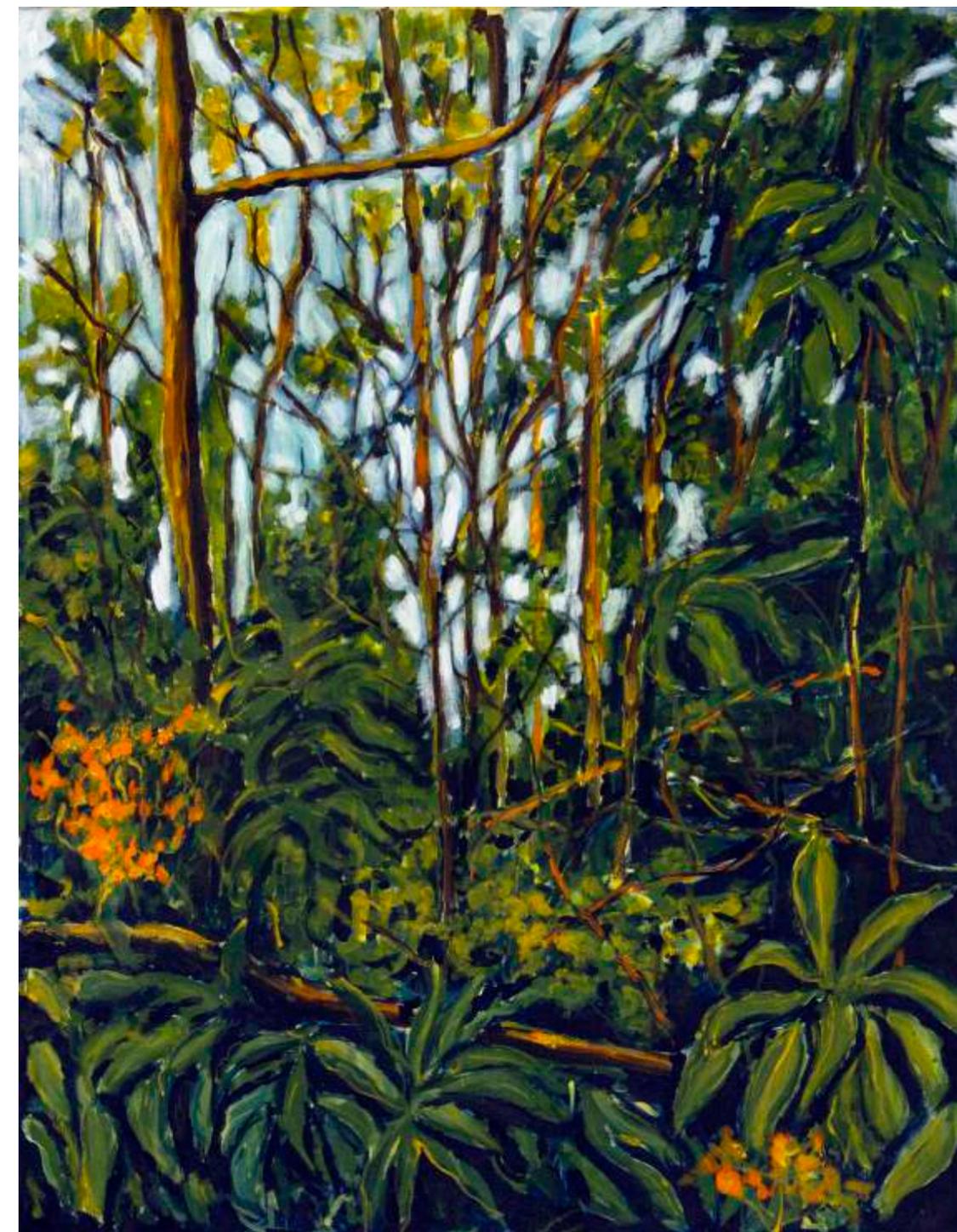
Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data

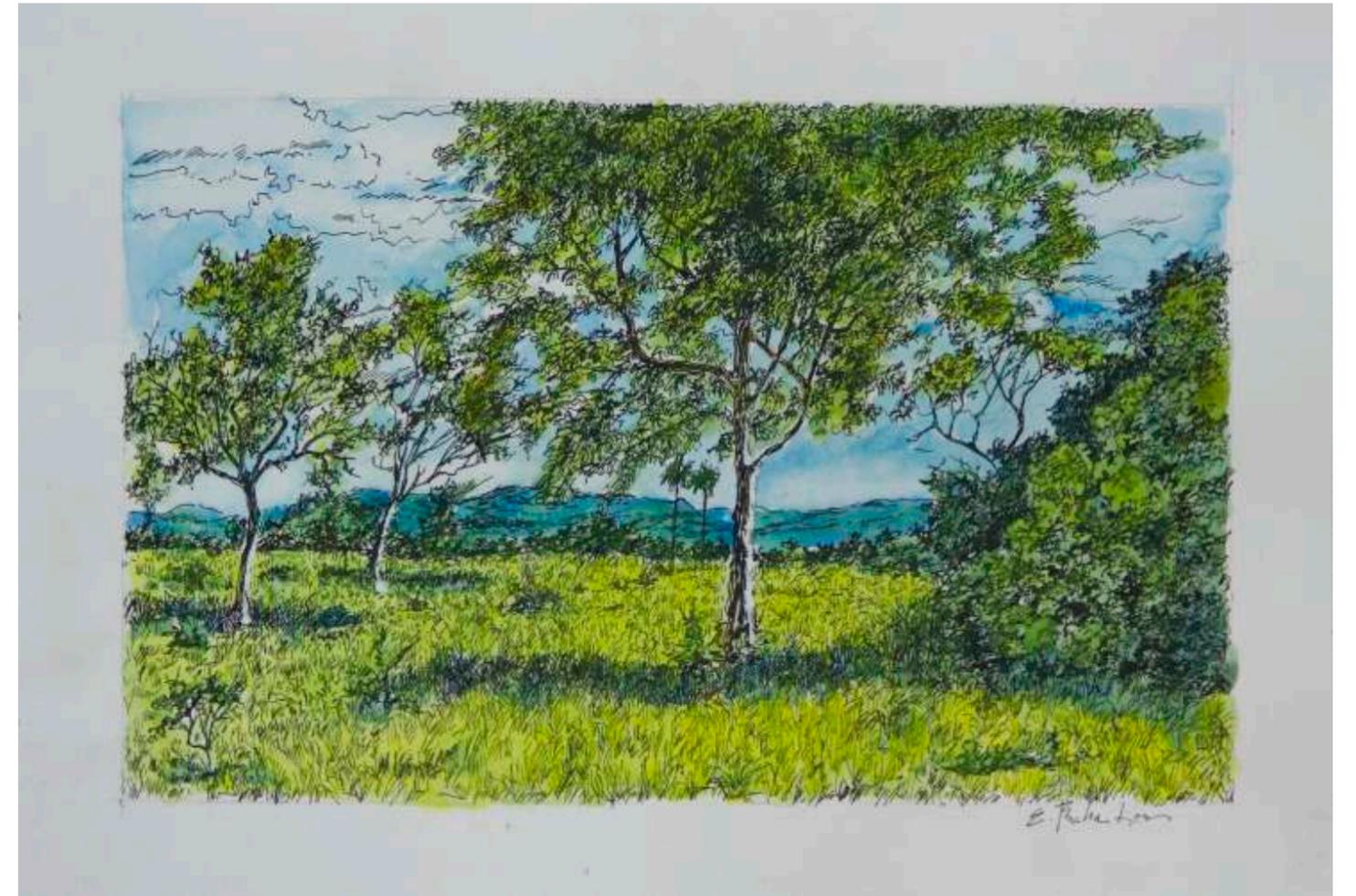


Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data

Título - técnica da pintura / obra - 000 x 000 cm - Data



Elder Rocha Lima nasceu em 7 de maio de 1928, na Cidade de Goiás.

- Cursou o primário no Grupo Escolar Mestra Nhola, na Cidade de Goiás.
- Mudou-se, em 1937, para Goiânia.
- Cursou o ginásio e secundário no Liceu de Goiás, em Goiânia, sempre participando do Grêmio Literário e foi um dos editores do Jornal “O Liceu”.
- Ainda jovem, trabalhou como desenhista de arquitetura em Goiânia, no final dos anos 1940.
- Formou-se em 1955, no Rio de Janeiro, na Universidade do Brasil (atual UFRJ) como arquiteto e urbanista. Nesta época teve aulas com o grande professor de Desenho chamado Ubi Bava, Pedro Correa de Araújo e Glênio Bianchetti.
- Casou-se em 1956 com sua colega de turma, a arquiteta Beatriz Feijó, que faleceu em 2014, com quem teve 5 filhos e 7 netos.
- Regressou do Rio para Goiânia e trabalhou na administração pública estadual do Estado de Goiás, sendo Diretor de Obras na Secretaria de Viação e Obras, onde conseguiu, juntamente com João Bênio e Carmo Bernardes, construir um Teatro que passou a ser chamado “Teatro de Emergência”, que foi fechado e destruído pelo Golpe Militar de 1964.
- Foi Professor da Universidade Federal de Goiás de 1960 a 1964. Ajudou a criar a Escola de Agronomia e Veterinária onde fez concurso para lecionar Geometria Descritiva. Foi Vice-Diretor da Escola de Engenharia. Também foi membro do Conselho Universitário onde defendeu, com bastante força, a reformulação da UFG, recém-criada com ideias bastante obsoletas. Para isso fez inúmeras palestras, reuniões com estudantes, artigos e promoveu a vinda de Darcy Ribeiro a Goiânia, um dos fatores que provocou sua demissão e prisão pelo governo militar. Nesta época a Universidade de Brasília estava sendo estruturada e nela Elder se inspirou.
- Juntamente com Amaury Menezes e Frei Nazareno Confaloni criaram o curso de Arquitetura e Urbanismo na Escola de Belas Artes da atual PUC-GO.
- Intensificou, a partir de 1965, suas atividades de arquiteto tendo elaborado centenas de projeto e executando construções, sendo autor de inúmeros projetos: Reitoria e Biblioteca da PUC-GO, Centros Comerciais, Edifício Sede do Banco do Estado de Goiás (Praça do Bandeirantes em Goiânia) e diversas agências no interior, Assembleia Legislativa, Fundação Jaime Câmara, Sede do Jornal de Brasília, cartórios, hospitais, praças públicas (também em outros estados, Pará, Acre) dentre outros.
- Iniciou-se na pintura em caráter profissional embora há muito praticasse desenho artístico.
- Atuou em diversos órgãos de classe, como Conselheiro ou ocupando a Presidência (CREA do Estado de Goiás e o do DF, Departamento de Topografia e Planejamento Urbano do Dep. Estadual de Saneamento de Goiás, Escritório Técnico da Cidade Universitária da UFG, Instituto de Arquitetos do Brasil do Est. Goiás e do DF, Associação de Artistas Plásticos de Goiás).
- Participou de inúmeras exposições coletivas e individuais em Goiânia e Brasília.
- Mudou-se para Brasília, em 1973, e lá abriu um escritório de arquitetura.
- Foi readmitido na UFG, em 1979, em decorrência da Lei de Anistia e dividiu seu tempo entre Goiânia e Brasília.
- Quando adulto retomou atividades literárias publicando crônicas nos jornais de Brasília e Goiânia, em meados dos anos 1990.
- Publicou 11 livros, 1 de ficção.
- Foi agraciado com o título de Doutor Honoris Causa pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás, em 2011.
- Recebeu, em 2015, o troféu Jaburu atribuído pela Secretaria de Cultura do Estado de Goiás, galardão para artistas em exercício.
- Fechando o círculo, voltou a residir na Cidade de Goiás, onde construiu seu ateliê juntamente com sua segunda esposa, Maria das Graças Fleury Curado, em 2017.
- Finalizando com as palavras de Elder Rocha Lima: “Tinha sete ou oito anos e brincava no Largo do Moreira, em frente à casa do artista Octo Marques. Vi uma mesinha e um ovo de ema pintado com uma paisagem. Foi meu primeiro deslumbramento e acredito que fiquei marcado ali. Até hoje o vejo em minhas fantasias e até hoje interesse pelas pinturas de Octo.”

Curadoria
Antonio Damata
Mairone Ferreira

Coordenação Geral
Malu da Cunha

Produção Executiva
Fernanda Botelho
Maria das Graças Fleury

Designer Gráfico
Maurício Mota (catálogo)
Vinícius Luz (site)

Fotografias
Vanessa Bohn

Exposição Virtual

Direção
Carminha Lombardi

Filmagem e Edição
Elder Patrick

Som
Leonardo Lombardi

Exposição digital
elderrochalima.com

 caminhoseveredas

 museudeartedeGoiania

